

## “Cadê o tatuador?” Construção da identidade profissional e estigma de mulheres na profissão tatuadora

*"Where is the tattoo guy?" construction of professional identity and stigma of women in the tattoo profession*

Rafaela de Almeida Araújo<sup>1i</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1828-0683>

Isabella Carneiro Catrib<sup>2ii</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5873-9727>

Luis Eduardo Brandão Paiva<sup>3iii</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5036-6823>

Tereza Cristina Batista de Lima<sup>4iv</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6594-4921>

### Resumo

O estudo objetivou investigar como o estigma de gênero interfere na construção da identidade profissional de tatuadoras, baseado no modelo de Slay e Smith (2011). Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa, realizada mediante entrevistas semiestruturadas com 15 tatuadoras brasileiras. Os resultados apontam que a marginalização da profissão acontece principalmente por ser uma profissão que falta uma uniformidade na aprendizagem do ofício, sobretudo quanto à biossegurança. Ademais, tem ocorrido uma ressignificação do estigma da mulher em razão do crescimento de mulheres na profissão, principalmente por conta de uma nova visão de um trabalho artístico da profissão e da possibilidade de marcar momentos importantes na pele das pessoas. Esses resultados podem contribuir para ampliar a compreensão de como acontece a ressignificação da identidade profissional da mulher como tatuadora, mostrando que o que antes era apenas uma atividade marginalizada, passa a ter um novo sentido.

**Palavras-chave:** identidade profissional; tatuagem; estigma.

### Abstract

The study aimed to investigate how gender stigma interferes in the construction of the professional identity of female tattoo artists, it was based on the model of Slay and Smith (2011). This research is characterized as qualitative, conducted through semi-structured interviews with 15 Brazilian tattoo artists. The results indicate that the marginalization of the profession happens mainly because it is a profession that lacks uniformity in the learning of the craft, especially regarding biosafety. In addition, there has been a re-signification of the stigma of women due to the growth of women in the profession, mainly due to a new vision of the profession's artistic work and the possibility of marking important moments in people's skin. These results can contribute to broaden the understanding of how the woman's professional identity as a tattoo artist is re-signified, showing that what was just a marginalized activity, now has a new meaning.

**Keywords:** professional identity; tattoo; stigma.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Ceará/Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria, Brasil. E-mail: [rafaela.aa@gmail.com](mailto:rafaela.aa@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará/Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria – Brasil. E-mail: [isabellac.catrib@gmail.com](mailto:isabellac.catrib@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Ceará/Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria – Brasil. E-mail: [edubrandas@gmail.com](mailto:edubrandas@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal do Ceará/Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria – Brasil. E-mail: [tcblima@uol.com.br](mailto:tcblima@uol.com.br)

## 1 INTRODUÇÃO

É difícil definir, ao certo, quando a prática da tatuagem teve início; porém, no final do século XX, a tatuagem adquiriu uma nova forma de reconhecimento e prática social, em que foi deixada de lado a ideia de que a tatuagem estava associada apenas à marginalidade, rebeldia e contestação, e então passou a representar um processo de ressignificação para a pessoa (FARLEY; VAN HOOVER; RADEMEYER, 2019; THOMPSON, 2019a) com base, muitas vezes, na apropriação mercantil (SCHLÖSSER *et al.*, 2020). Nessa perspectiva, a obtenção de uma tatuagem faz parte do processo de transformação de identidade (LANE, 2014).

Evidências empíricas sugerem que as tatuagens não estão mais associadas a grupos antissociais ou à marginalização. No entanto, isso não significa que a arte corporal não tenha nenhuma concepção ou associação negativa, sobretudo para mulheres (SCHLÖSSER *et al.*, 2020; SWAMI; FURNHAM, 2007). A maior regulamentação da atividade e o aumento na popularidade das tatuagens contribuiu para mitigar algumas dessas avaliações culturais negativas (SIMPSON; PULLEN, 2018).

Mesmo com mudanças na percepção das tatuagens, é notório que, quando os homens se tatuam, a prática muitas vezes fortalece a sua masculinidade; por outro lado, nas mulheres, a prática pode diminuir a sua identidade feminina, mas essa ameaça pode ser contornada quando escolhem tatuagens consideradas femininas, que são mais delicadas, discretas e pequenas (KLUGER, 2015; THOMPSON, 2015; 2019b). A identidade com o trabalho tem mais particularidades do que a simples realização da atividade; além disso, a identidade individual no trabalho considera significativa a influência dos grupos sociais sobre a construção da identidade (PRATT; ROCKMANN; KAUFMANN, 2006). Nesse sentido, examinar o impacto do estigma na

construção da identidade profissional das tatuadoras é relevante para esse campo do conhecimento, uma vez que o processo de construção da identidade profissional nas carreiras contemporâneas pode ser diferente, ou pelo menos alterado, principalmente em membros de grupos considerados estigmatizados (SLAY; SMITH, 2011), como o das tatuadoras.

Profissionais estigmatizados acreditam que as percepções dos clientes sobre eles desvalorizam suas profissões e isso fica ainda mais evidente no contexto das tatuadoras, uma vez que a tatuagem se encontra, historicamente, associada às culturas fortemente masculinizadas (VOUGH *et al.*, 2012; THOMPSON, 2015). Nesses ambientes, o assédio a mulheres é relativamente comum, sendo visto como forma de testar a sua resiliência em um ambiente hostil e masculinizado (OLIVEIRA; MOURA, 2021). Ademais, constata-se, nos últimos anos, que as mulheres estão se tatuando mais do que os homens (FARLEY *et al.*, 2019).

No modelo de Slay e Smith (2011), a construção da identidade profissional de grupos estigmatizados gera a necessidade de tarefas de redefinição, ao invés de adaptação, como ocorre nos demais grupos. Nesse sentido, esse modelo analisa quatro perspectivas: (i) identificação das influências iniciais que fizeram o sujeito iniciar na profissão; (ii) vivências profissionais referentes ao estigma e à diferenciação daquele indivíduo como um “estranho no ninho”; (iii) repertórios que as pessoas podem utilizar para ressignificar as suas experiências; e (iv) tarefas de redefinição, especificamente com a redefinição de si mesmo, da profissão e do estigma.

Diante dessas abordagens, surge o seguinte questionamento para o desenvolvimento desta pesquisa: como o estigma de gênero interfere na construção da identidade profissional de tatuadoras? Sendo assim, delimitou-se como objetivo investigar como o estigma de gênero

interfere na construção da identidade profissional de tatuadoras, baseado no modelo de Slay e Smith (2011).

O campo de investigações científicas sobre identidade profissional ainda é escasso e difícil de mapear. Pesquisas sugerem que, não apenas os indivíduos estão inclinados a escolher ocupações que correspondam às suas características inatas, mas que os ambientes ocupacionais também podem motivar a mudança em características pessoais e de identidade (WILLE; DE FRUYT, 2014). Portanto, este estudo fornece elementos para pesquisas de carreiras contemporâneas. Em relação à segregação sexual, é notório que o gênero desempenha um papel importante na subcultura com representação na comunidade de tatuagens, já que esta tem sido historicamente associada a subculturas masculinas e artistas homens (THOMPSON, 2019b).

Esta pesquisa se justifica porque, muitas vezes, os papéis envolvidos dentro de uma profissão trazem prestígio, porém, quando pessoas estigmatizadas desempenham esses papéis, recebem pouco reconhecimento social, uma vez que as suas identidades estão associadas a práticas negativas (SLAY; SMITH, 2011). Em relação a mulheres e emprego em campos não tradicionais, de acordo com as ideias de Thompson (2015), ao comparar a indústria da tatuagem com outras atividades qualificadas, é possível encontrar semelhanças e diferenças significativas para as mulheres entenderem quando decidem ingressar na profissão de tatuadora. Este estudo busca ampliar entendimentos sobre como acontece a ressignificação da identidade profissional de grupos estigmatizados, permitindo trazer novas perspectivas sobre a tatuagem. Isso impacta no campo do conhecimento científico dos estudos sobre gênero, sobretudo das barreiras enfrentadas pelas mulheres em ambientes predominantemente masculinos.

Além dessa introdução, este artigo ainda conta com mais cinco seções. Na segunda seção, são feitas explanações sobre

mulheres, tatuagens e estigmas atrelados a essa prática. Na terceira seção, é apresentado um embasamento teórico sobre identidade profissional e seus estigmas, desencadeando no modelo utilizado nesta pesquisa. Na quarta seção, são abordados os procedimentos metodológicos. A seguir, são apresentados e analisados os resultados da pesquisa. Por fim, na sexta e última seção, destacam-se as considerações finais do estudo com as contribuições da pesquisa e inspirações para futuros estudos sobre o tema.

## 2 MULHERES, TATUAGEM E SEUS ESTIGMAS

Cabe mencionar que, apesar das conquistas femininas advindas da luta constante das mulheres em busca da tão sonhada inserção e igualdade, a divisão sexual do trabalho ainda gera discriminação, distinção e preconceito para que elas possam se inserir no mercado de trabalho (SIQUEIRA; SAMPARO, 2017). Além disso, outro aspecto que pode dificultar o acesso das mulheres no mercado do trabalho é a conciliação entre vida familiar e vida profissional, em que a mulher geralmente assume uma dupla ou tripla jornada de trabalho, tendo que conciliar o trabalho dentro e fora de casa, sobretudo precisando lidar com os serviços domésticos e o cuidado com os filhos (CAPPELLE; MELO, 2010).

Historicamente, a profissão de tatuador era associada às subculturas masculinas (militares, motociclistas) e operários da construção civil. A partir da década de 1970 até a década de 1990, ocorreu uma ressignificação da tatuagem, levando a arte da tatuagem a novos grupos demográficos, como mulheres e classe média (KLUGER, 2015; THOMPSON, 2019a). Mesmo com o surgimento da máquina elétrica de tatuagem e com o conhecimento de normas de biossegurança, a participação de mulheres como tatuadoras ainda é vista como uma “novidade” nesse mercado, e isto faz com que elas lutem por

reconhecimento e espaço (OLIVEIRA; MOURA, 2021).

A aparência do corpo tem sido usada como uma característica para discernir o caráter do indivíduo (ADAMS, 2012). A tatuagem é carregada de significados culturais e pessoais, mas, apesar desse tipo de arte estar cada vez mais em alta, indivíduos com tatuagens podem experimentar estigma, estereótipos e discriminação em suas vidas pessoais e profissionais (DANN; CALLAGHAN, 2019; DELUCA; GRISCI; LAZZAROTTO, 2018; FARLEY *et al.*, 2019), uma vez que, muitas vezes, a tatuagem pode ser vista como um sinal de comportamento de risco em adultos (SCHLÖSSER *et al.*, 2020).

Mulheres tatuadas foram classificadas como menos atraentes fisicamente, sexualmente promíscuas e mais propícias ao abuso de álcool quando comparada com as mulheres não tatuadas – com avaliações mais negativas conforme o número de tatuagens aumentava (BROUSSARD; HARTON, 2017; SWAMI; FURNHAM, 2007). Além disso, para essas mulheres, as práticas de resistência e conformidade são constituídas em contextos sociais, culturais e históricos que produzem valores normativos em torno de tatuagens “boas” e “más”. Isso significa dizer que quando as tatuagens são contextualizadas por meio de significados, tornam-se mais aceitáveis, especialmente quando se trata de mulheres (DANN; CALLAGHAN, 2019). Por outro lado, Schlösser *et al.* (2020), ao analisarem uma amostra brasileira de 316 mulheres, em que 50% tinham tatuagem, constataram que as mulheres tatuadas se sentem melhores com as suas aparências, porém ainda há uma associação negativa entre a prática de se tatuar e comportamentos de risco, como consumo de drogas.

Segundo Kluger (2015), a tatuagem sempre esteve mais ligada ao público masculino. O número de mulheres tatuadas é menor que a dos homens em muitos estudos, especialmente nas faixas etárias

mais velhas. Porém, a partir do início da década de 1990, estimou-se que metade das tatuagens já era vinculada às mulheres. Broussard e Harton (2017) acrescentam que, referente ao mercado de trabalho, a maioria dos gerentes declarou explicitamente que não contrataria um candidato visivelmente tatuado, isso porque poderia prejudicar a imagem da empresa, causando antipatia pessoal por tatuagens. Em relação aos potenciais clientes, estes também tendem a perceber os funcionários tatuados como menos capazes.

De acordo com a perspectiva de Adams (2012), a indústria da tatuagem é um tipo de “*dirty work*”, pois permite que o tatuador seja estigmatizado ao longo de várias configurações do que seria um trabalho com características “suja”, fazendo-se necessário que os profissionais reformulem ativamente e legitimem suas atividades. Além disso, embora nas profissões regulamentadas a discriminação sexual seja combatida, o mesmo não acontece na indústria da tatuagem (THOMPSON, 2015). DeLuca e Rocha-de-Oliveira (2016) mencionam que, a partir da década de 2000, houve um *boom* que ocasionou um aumento da prática da tatuagem, e isto contribuiu para o aumento da regulamentação nessa área, principalmente nas ferramentas e normas de trabalho.

O ato de se tornar “fortemente tatuado”, com sua associação histórica com subculturas desviantes, continuou a manter um estigma social e a evocar sanções negativas dos observadores. Isso se dá para as mulheres que também devem lidar com as normas de gênero nessa subcultura, que têm sido associadas a outros grupos masculinos (THOMPSON, 2019a). As tatuagens e as práticas de tatuagem, ligadas a valores culturais dentro da indústria da tatuagem, podem ser vistas como representativas de um desejo de autenticidade e de representar a “si mesmo”, ao mesmo tempo em que capturam algumas características, como

criatividade, rebeldia e desafio (SIMPSON; PULLEN, 2018).

Diversas pesquisas científicas sobre estigma foram realizadas por psicólogos sociais, que usaram os *insights* da abordagem social cognitiva, com o intuito de compreender como as pessoas constroem categorias e as ligam às crenças estereotipadas (LINK; PHELAN, 2001). Na perspectiva de Goffman (1988, p.11), estigma pode ser compreendido como sinais corporais com os quais se procura evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem o apresenta. Link e Phelan (2001) destacam que pessoas são estigmatizadas quando rotuladas, separadas e ligadas a características indesejáveis, levando-as à perda de *status*.

A maior parte das definições acerca do estigma tem em comum a suposição de que as pessoas estigmatizadas carregam uma característica ou atributo que as diferenciam das demais, tornando-as mais desvalorizadas pelos outros. Tais marcas podem ser controladas ou incontroladas, visíveis ou invisíveis, ligadas à aparência, comportamento ou membros de um grupo específico. É importante salientar que o estigma não está na pessoa, mas, sim, em um contexto social (MAJOR; O'BRIEN, 2005).

Os estigmas físicos são aqueles com os quais os indivíduos nascem; enquanto os estigmas de características comportamentais são de responsabilidade e escolha própria, influenciando na percepção dos outros acerca das pessoas estigmatizadas. Por exemplo, um indivíduo com característica estigmatizada, como a tatuagem, pode não receber a mesma empatia daqueles que sofrem com alguma deficiência física (LARSEN; PATTERSON; MARKHAM, 2014). Tatuarse vai em direção oposta à efemeridade no contexto atual da sociedade líquida, configurando-se como uma espécie de expressão e resistência, já que a tatuagem é uma marca que fica permanente nas

peças (DELUCA; GRISCI; LAZZAROTTO, 2018).

Diante do apresentado, é possível perceber que, apesar da resignificação que a tatuagem vem tendo nos últimos anos, ela ainda está carregada de estigmas para aqueles que pertencem a essa subcultura. Destaca-se, ainda, conceitos e abordagens sobre identidade profissional e estigma.

### 3 IDENTIDADE PROFISSIONAL E ESTIGMA

A construção da identidade, incluindo a identidade profissional, é uma construção narrativa, em que se conta para si e para os outros sobre quem se é, sendo revisadas ao longo do tempo, sobretudo em resposta às forças internas e externas (DELUCA; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016; BROWN, 2014). A identidade profissional é um fenômeno complexo, que contempla a conscientização e a conexão com as habilidades, qualidades, comportamentos, valores e padrões da profissão escolhida, assim como o entendimento do “eu” profissional com relação ao “eu” geral mais amplo (JACKSON, 2017).

De acordo com Kira e Balkin (2014), a identidade é capaz de influenciar o ambiente de trabalho, como uma falta de alinhamento entre a identidade profissional preferida e a situação de trabalho podem influenciar tentativas de modificar o ambiente. As formas de identidade de trabalho se associam às transições de papéis, principalmente quando os profissionais mudam de local de trabalho ou papel (IBARRA; BARBULESCU, 2010). Rossi e Hunger (2020) afirmam que a compreensão da construção de identidades sociais é uma condição *sine qua non* para o estudo da identidade profissional. Uma identidade estigmatizada traz, como efeito, o poder de marginalizar um indivíduo, resultando na sua desqualificação diante da aceitação plena pela sociedade. Indivíduos e grupos estigmatizados são frequentemente capazes de cultivar concepções positivas

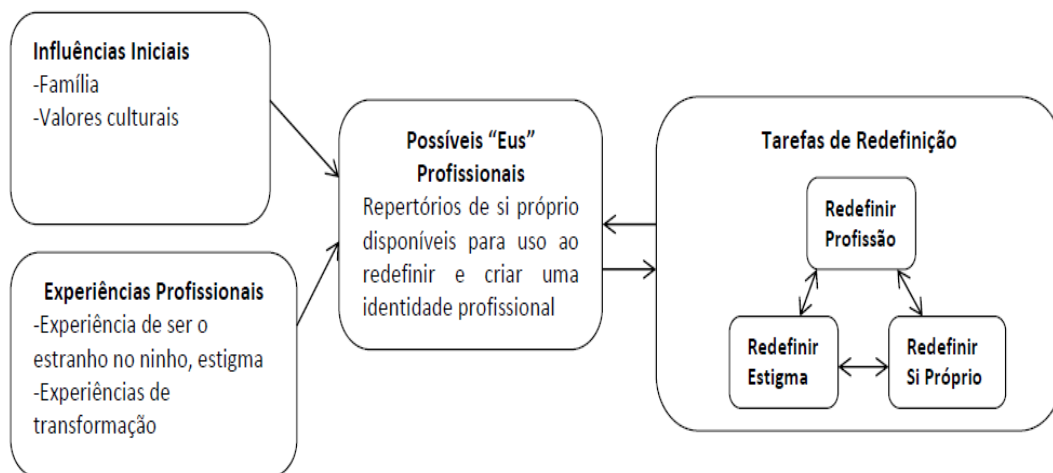
alternativas de si, apresentando autoestima e táticas de gestão de impressões (TOYOKI; BROWN, 2013).

Segundo Rossit *et al.* (2018), as experiências vivenciadas pelo profissional fazem com que os seus conhecimentos sejam internalizados, de modo a compreender e reorganizar saberes. Slay e Smith (2011) mencionam que é necessária uma redefinição da identidade profissional, em vez de adaptação; tornando-se uma tarefa central para os membros de grupos culturais estigmatizados. Em seus estudos, os autores constataram que a presença do estigma e o fato de ser *outsider* também influenciam na formação da identidade profissional. Dessa forma, quando membros de uma minoria estigmatizada estão em uma sociedade que os percebem como pessoas de capacidades e potencialidades limitadas,

esses indivíduos tendem a ter uma visão restrita de suas possibilidades profissionais.

O modelo de construção da identidade profissional de Slay e Smith (2011) apresenta como as experiências profissionais e os valores culturais e familiares ajudam a construir o repertório de “eu’s” profissionais possíveis. Em seguida, acontece a redefinição da tarefa central para membros de grupos culturais estigmatizados, ou seja, a redefinição da retórica ocupacional, o estigma e o “eu” (FIGURA 1). Nesse sentido, conforme mencionado por Rossi e Hunger (2020), ocorre uma tensão quando não há uma confluência entre o que os outros desejam que o sujeito seja e o desejo do sujeito em assumir determinadas identidades, ocorrendo, portanto, a sensação de ser um estranho no ninho.

**Figura 1** – Identidade profissional processo de redefinição



Fonte: Slay e Smith (2011).

No primeiro momento, a influência do contexto de vida é muito enfatizada para a construção dos possíveis “eu’s” profissionais. Ao definir ou criar uma identidade profissional, por exemplo, valores familiares e experiências de vida iniciais ajudam a criar os reportórios de si, com habilidades, atitudes e comportamentos necessários para o sucesso em uma carreira específica. Ademais, a existência do estigma e a sensação de ser um *outsider* influenciam na definição de quem o indivíduo pode se tornar. Sendo

assim, as experiências de transformação podem expandir o repertório de si próprio, como também as influências de outras pessoas do mesmo grupo estigmatizado, devido à história compartilhada (SLAY; SMITH, 2011).

Em seguida, o modelo apresenta o momento de uma redefinição no lugar do processo de adaptação na profissão. Nesse contexto, um antecedente importante da redefinição é a experiência de ser estigmatizado ou ser pertencente a um grupo culturalmente estigmatizado. Diante

disso, torna-se importante criar retóricas profissionais, enxergar um novo valor profissional na identidade estigmatizada, e ainda encontrar equilíbrio entre a identidade profissional e a estigmatizada (IBARRA, 1999; SLAY; SMITH, 2011).

A primeira tarefa de redefinição, mencionada por Slay e Smith (2011), diz respeito ao repertório ocupacional ou profissional e como ele é importante para o entendimento da construção da identidade profissional, pois permite que os profissionais expliquem a importância de seu trabalho para outros. As representações coletivas são crenças compartilhadas sobre os estereótipos de um grupo. Nesse contexto, os indivíduos passam a tentar dissipar estereótipos e mostrar às pessoas que estão fora do grupo estigmatizado um lado antes não visto por eles.

A tarefa de redefinição do estigma tem conotações tanto positivas quanto negativas. Como a maioria dos indivíduos é fortemente ciente dos estereótipos aos quais são associados, passam a redefinir o estigma de forma positiva, muitas vezes vendo seu grupo e a respectiva identidade cultural como uma perspectiva diferenciada e única (SLAY; SMITH, 2011).

Por fim, a tarefa de definir a si próprio diz respeito às formas de alcançar o equilíbrio entre suas identidades cultural e profissional, discutindo a necessidade de qual deve vir em primeiro lugar. Os indivíduos que escolhem prioritariamente a sua identidade profissional podem experimentar um sentimento de solidão – por meio do abandono do seu grupo interno e o externo. No entanto, na maioria dos casos, é necessário que haja uma redefinição da identidade profissional e pessoal (SLAY; SMITH, 2011).

A identidade profissional é uma construção narrativa em constante reformulação. Esse processo envolve diversos estágios, que vão desde o aprendizado das tarefas da função até a interação com seus pares. Para grupos estigmatizados, esse processo é particularmente distinto por serem

percebidos como *outsiders*, assim como acontece com mulheres que desenvolvem trabalhos com tatuagens. Com base no exposto e no modelo apresentado, levando-se em conta o arcabouço teórico de Slay e Smith (2011), mostra-se, a seguir, os procedimentos metodológicos adotados para a análise dos resultados desta pesquisa, com o intuito de ampliar discussões e reflexões sobre como o estigma de gênero interfere na construção da identidade profissional de tatuadoras.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é caracterizada por sua abordagem qualitativa, pois busca informações aprofundadas quanto à identidade profissional e estigma de tatuadoras (COLLIS; HUSSEY, 2005). Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, já que busca mensurar as características descritas nas questões propostas no roteiro adotado. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, pois esse método permite que os pesquisadores fiquem livres para exercer suas iniciativas, e isto possibilita o surgimento de informações inesperadas e esclarecedoras, que trazem reflexões e achados sobre o fenômeno investigado.

O universo da pesquisa é composto por mulheres que, de forma profissional, atuam como tatuadoras. A escolha das participantes se deu por meio da amostra de conveniência, já que, nesse método, os participantes são escolhidos por estarem mais disponíveis e acessíveis aos pesquisadores (COLLIS; HUSSEY, 2005). As participantes desta pesquisa foram identificadas sob o título de “Tatuadora”, seguido pela numeração equivalente à ordem em que ocorreram as entrevistas, que se encontra compreendida entre os números 1 e 15. As entrevistas tiveram como tempo médio de duração 24 minutos e 13 segundos, com desvio-padrão de 4,58. A partir disso, a Tabela 1 apresenta uma visão geral do perfil das entrevistadas, levando em consideração a idade, o estado civil, a formação acadêmica e o tempo de atuação como tatuadora.

**Tabela 1 – Perfil das tatuadoras**

Entrevistada	Idade	Estado Civil	Formação acadêmica	Tempo de atuação
Tatuadora 1	30	Solteira	Doutoranda em biologia vegetal	8 meses
Tatuadora 2	30	Casada	Design de moda	3 anos
Tatuadora 3	33	União estável	Design de moda	2 anos
Tatuadora 4	19	Solteira	-	1 ano e 6 meses
Tatuadora 5	32	Casada	Design de moda	3 anos
Tatuadora 6	24	Solteira	Graduanda em arquitetura e urbanismo	2 anos
Tatuadora 7	27	Solteira	-	5 anos
Tatuadora 8	20	Solteira	-	5 meses
Tatuadora 9	21	Solteira	Design de moda	2 anos
Tatuadora 10	23	Solteira	-	3 anos
Tatuadora 11	27	Solteira	-	1 ano
Tatuadora 12	24	Solteira	-	1 ano e 10 meses
Tatuadora 13	29	Solteira	Comunicação social/ Arquitetura e urbanismo	3 anos
Tatuadora 14	39	Solteira	Design de moda	3 anos
Tatuadora 15	33	Solteira	Educação Física	3 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Como é possível observar, as tatuadoras têm idade entre 19 e 39 anos, trabalham com tatuagem entre 5 meses e 5 anos, majoritariamente solteiras; e seis delas não iniciaram ou concluíram nenhum curso de graduação. A Tatuadora 1 estava concluindo o seu doutorado em biologia vegetal e trabalhava com desenho técnico em botânica. Vale observar que, com exceção da formação em educação física, segundo as entrevistadas, todas as formações acadêmicas citadas estavam ligadas ao desenho técnico.

Para a realização das entrevistas, adotou-se o modelo de Slay e Smith (2011), que busca avaliar a construção da identidade de grupos estigmatizados. Para tanto, são analisadas as influências iniciais e as experiências profissionais vividas; em seguida, é visto os repertórios disponíveis para criar ou redefinir a identidade profissional; e, por fim, são avaliadas as tarefas de redefinição utilizadas a nível individual, profissional e do estigma.

A análise foi feita por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), por meio de três fases: (1) pré-análise, faz-se a organização e sistematização dos materiais disponíveis para a pesquisa e que colaborem com a interpretação final; (2) exploração do material, procura-se compreender o significado dado pelos envolvidos no

estudo ao *corpus* da pesquisa; e (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, denominada de categorização. Diante disso, por meio da análise do modelo de Slay e Smith (2011), foram estabelecidas quatro categorias de análise: influências iniciais, experiências de trabalho, possíveis “eu’s” profissionais, e as tarefas de redefinição, que inclui a redefinição do estigma, redefinição de si próprio e redefinição da profissão.

Para o tratamento dos dados, adotou-se o *software* Atlas.ti (versão 7) por ser uma ferramenta que auxilia na análise qualitativa, codificando os dados, apontando tendências e padrões e otimizando o tempo destinado à análise dos resultados. Assim, as categorias de análise e as unidades de contexto estão relacionadas a elas por meio de setas em um par ordenado {x,y}, em que cada código é indicado com um par ordenado de dois números, no qual o primeiro representa a frequência com que o código aparece, ou seja, o número de citações ao qual o código foi relacionado ao outro; e o segundo número representa a quantidade de unidades de contexto que ele está associado.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

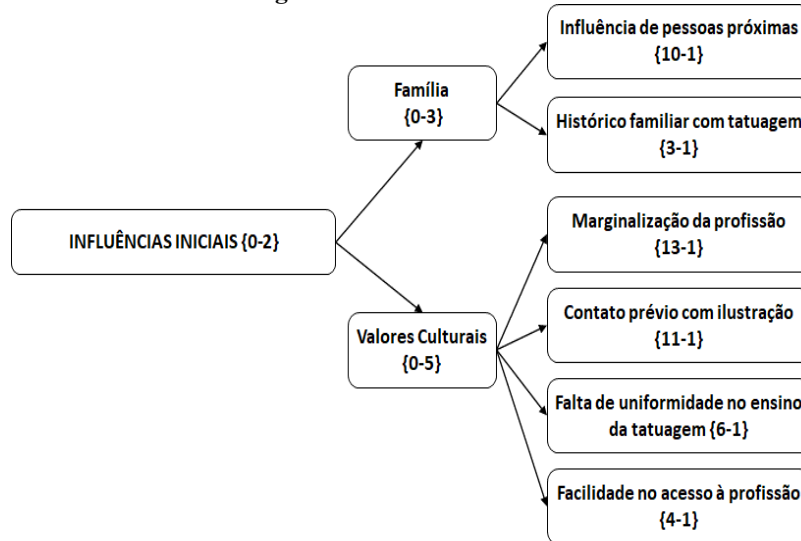


### 5.1 O processo de escolha profissional: tornando-se tatuadora

Inicialmente, foram identificadas as influências iniciais das tatuadoras, que perpassam valores familiares e experiências de vida. Essas influências contribuem para

a criação dos reportórios de si, com habilidades, atitudes e comportamentos necessários para serem bem-sucedidas em uma carreira (BROWN, 2014) (FIGURA 2).

Figura 2 – Influências iniciais



Fonte: Dados da pesquisa.

As influências iniciais surgiram dos familiares das entrevistadas, assim como dos valores culturais que elas tiveram ao iniciarem na profissão. O fator mais ressaltado pelas entrevistadas, que as fizeram decidir aprender o ofício, foi por “influência de amigos próximos”, e até mesmo familiares, por exemplo, irmão e marido que as incentivaram a iniciar na profissão, e este resultado foi encontrado de forma semelhante na pesquisa de DeLuca e Rocha-de-Oliveira (2016), no qual o tatuador analisado começou na arte do desenho durante a sua infância por influência de sua avó.

Além disso, três delas mencionaram que têm um “histórico familiar com tatuagem” e que, por isso, não foi um problema o ato de tomarem a decisão de iniciar na profissão. Esse achado também pode ser visto como um facilitador à entrada das mulheres na profissão, tendo em vista que dentro de seus valores familiares a tatuagem não tem uma conotação marginalizada. A Tatuadora 11 trabalha em um estúdio junto com os seus irmãos, o que

pode ter facilitado a sua inserção e o próprio exercício da profissão. Ademais, onze das quinze entrevistadas mencionaram que outro fator que facilitou a inserção delas foi o fato de que elas já tinham “contato prévio com ilustração” antes da profissão de tatuadora; ou seja, assim como no estudo de DeLuca e Rocha-de-Oliveira (2016), as participantes já tinham contato com a ilustração antes de se tornarem tatuadoras.

Outro motivo importante de influência inicial e que traz uma conotação negativa para o início das atividades, relaciona-se aos valores culturais atrelados à tatuagem e à profissão. O primeiro mais mencionado foi a “marginalização da profissão”. Para as entrevistadas, esta marginalização estava desde motivos da tatuagem ser vista como “algo secundário” (Tatuadora 3), mas, principalmente, por falta de controle do exercício da profissão. Essa falta de controle é relatada por diversos estudos sobre a prática de tatuagem, incluindo o estudo de DeLuca e Rocha-de-Oliveira (2016).

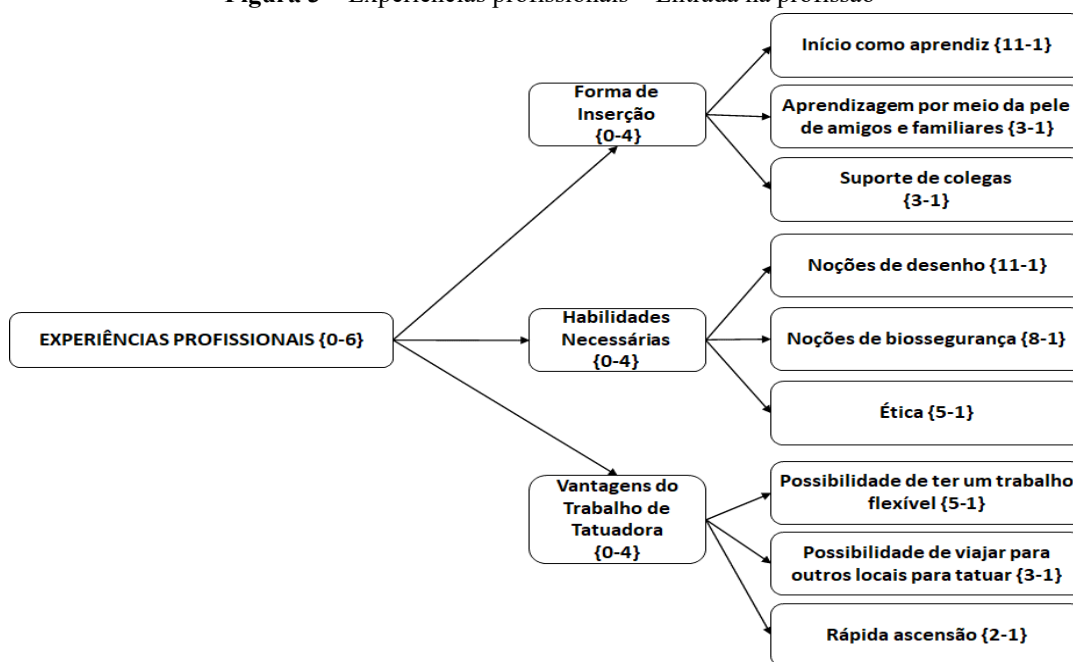
Constata-se ainda que: “hoje, eles oferecem vários cursos no Brasil todo de tatuagem. Fora do Brasil, você precisa comprovar que fez curso, e, se não me engano, aqui em Fortaleza você precisa de um curso de biossegurança” (Tatuadora 1). Esse achado contradiz a “falta de uniformidade no ensino da tatuagem”. Por outro lado, a tatuadora 6 destaca que: “têm algumas pessoas que eu conheço que estão começando a tatuar, ficaram com vontade, pessoas que já são artistas, ilustradores, e começaram a tatuar. Só que, é uma galera, que, pelo que eu observo, não tem esse mesmo senso de responsabilidade que precisa ter, sabe?” Diferentemente do apresentado por DeLuca e Rocha-de-Oliveira, em 2016, mesmo não existindo cursos universitários para tatuagem, é possível realizar cursos profissionalizantes direcionados para a profissão de tatuador.

Outro fator que reforça a marginalização da profissão seria a “facilidade no acesso à profissão”. Esse problema é relatado pela tatuadora a seguir: “então, hoje em dia, por ela não ser regulamentada, muitas pessoas podem entrar nesse tipo de trabalho, o grande

problema disso é gente que começa a tatuar e não tem noção de biossegurança, não tem noção de contaminação, processo inflamatório” (Tatuadora 1). Todas essas características apresentadas pelas tatuadoras reforçam a ideia trazida por Adams (2012), que compara o trabalho com tatuagem a um tipo de “dirty work”, já que a falta de regulamentação pode ocasionar problemas de biossegurança e contaminação, prática que, segundo Oliveira e Moura (2021), já tem sido observada tanto por tatuadores quanto por clientes.

Após identificadas as influências iniciais, esta pesquisa buscou compreender quais habilidades, atitudes e comportamentos eram necessários para uma carreira de tatuadora bem-sucedida (SLAY; SMITH, 2011). Nas experiências profissionais, para uma melhor compreensão e visualização, os resultados encontrados foram divididos em duas figuras. A Figura 3 ligada a questões mais técnicas de entrada na profissão e motivos relacionados; e a Figura 4 relacionada com as dificuldades e estigmas enfrentados pelas tatuadoras.

Figura 3 – Experiências profissionais – Entrada na profissão



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à forma de inserção no ofício, onze tatuadoras relataram que tiveram seu “início como aprendiz”, tanto sendo convidadas por donos de estúdios como por interesse próprio de ir em busca de um estúdio que as aceitasse como aprendizes. As tatuadoras que se consideram autodidatas ressaltaram que: “aprendizagem por meio da pele de amigos e familiares” foi a forma que elas aprenderam a realizar a tatuagem, o achado também foi relatado por DeLuca e Rocha-de-Oliveira (2016).

Para compreender quais habilidades são necessárias para se tornar profissionais da tatuagem, as entrevistadas mencionaram três: Noções de desenho, Noções de biossegurança e ética. Em relação às noções de biossegurança, a Tatuadora 1 afirmou que: “os materiais são descartáveis, tem gente que começa e usa a mesma agulha em várias pessoas. E isso é um problema, aí, tira a credibilidade de quem tem a noção, porque não tem quem fiscalize. Tem a vigilância sanitária, mas não tem muito... Por isso que a tatuagem é vista como marginalizada, porque não existe muito esse controle”. Essa realidade confirma o relatado por Vough *et al.* (2012), pois o estigma da profissão é, muitas vezes, desencadeado por estúdios de tatuagens que não seguem as normas de regulamentação, desencadeando em seus clientes a desvalorização do trabalho. Apesar de que, conforme mencionado por DeLuca e Rocha-de-Oliveira (2016), já existe, em parte, uma normatização da profissão.

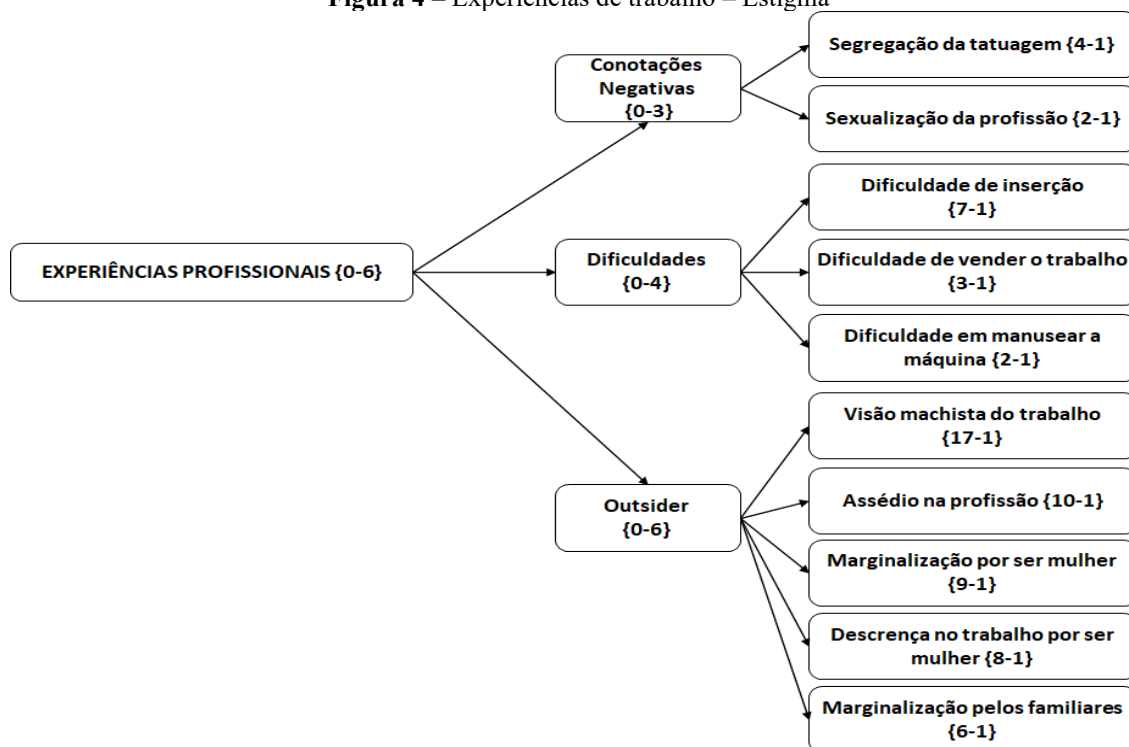
Por último, foi mencionada a questão da “ética” na profissão, principalmente no que diz respeito a trabalhar com a pele de outras pessoas. A tatuadora 10 afirmou que: “acho que eu diria que o principal seria ter ética. Porque você está lidando com a pele, uma coisa que vai ficar para sempre, né, com a pessoa, então acho que é o principal, ter ética, e acho que dedicação mesmo”.

A “possibilidade de ter um trabalho flexível” foi evidenciada por cinco tatuadoras como um dos atrativos da profissão. A Tatuadora 5 mencionou: “... é um tipo de trabalho, uma profissão que me permite ser mãe, que me permite atuar em outras áreas que não só a tatuagem, por conta do agendamento, por conta da disponibilidade de horário, né. A carga horária é você quem faz”. Esse depoimento traz à tona a questão do trabalho e da maternidade, tendo em vista que, para esta tatuadora, o fato de ter horários flexíveis fez com que ela optasse por deixar o trabalho com moda, sua formação acadêmica; e passasse a se dedicar a tatuagem. Esse achado pode estar alinhado ao que Cappelle e Melo (2010) afirmam, pois o trabalho com tatuagem fez com que a tatuadora pudesse alinhar a sua dupla jornada, conciliando o trabalho com a sua família, sobretudo no seu papel de mãe.

Outra vantagem percebida pelas entrevistadas no trabalho com tatuagem é a “possibilidade de viajar para outros locais para tatuar”. A Tatuadora 1 mencionou: “eu comecei há oito meses, com três meses eu já tinha bastante público, já estava sendo reconhecida, as pessoas vinham falar comigo na rua. É estranho para mim. Aí vim para cá, vou tatuar em São Paulo agora. O reconhecimento está sendo incrível”. Diante disso, também é possível afirmar que a profissão permite uma rápida ascensão, já que com três meses ela já tinha “bastante público”, tendo um trabalho reconhecido, e isto corrobora com o que foi enfatizado por DeLuca e Rocha-de-Oliveira (2016).

Analisaram-se, ainda, as experiências vividas pelas entrevistadas que ilustrassem a existência do estigma na profissão que influenciam na definição de uma identidade estigmatizada (SLAY; SMITH, 2011), conforme observa-se pela Figura 4.

**Figura 4 – Experiências de trabalho – Estigma**



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação às experiências profissionais ligadas ao estigma, ressaltam-se as “conotações negativas” do exercício da profissão e das pessoas tatuadas. As entrevistadas afirmam que, apesar de haver uma evolução em relação à visão da sociedade, a “segregação da tatuagem” ainda continua com focos específicos, como no depoimento: “e ainda tem, sim, um preconceito da polícia com quem é tatuado, dependendo do lugar que você é tatuado... Porque tatuagem na mão, no rosto, no pescoço... Os locais da tatuagem meio que segregam você na sociedade, então, assim, não deixou de ter preconceito, porque agora o preconceito só mudou de aspecto” (Tatuadora 5). Isso confirma o apresentado por Link e Phelan (2001), pois essas pessoas são rotuladas e discriminadas por conta da região do corpo na qual decidem se tatuar.

Essa “segregação da tatuagem” ainda comprova o que foi abordado por Schlösser *et al.* (2020), pois a tatuagem pode ser vista como sinal de comportamento de risco em adultos. Além disso, está alinhado com a ideia de Toyoki e Brown (2013), uma vez que o estigma

atrelado à tatuagem marginaliza os seus adeptos, e isto resulta na desqualificação dessa pessoa diante da aceitação plena pela sociedade. Outrossim, também vai de acordo com as ideias de Adams (2012), pois ele afirma que os tatuados acabam tendo o seu caráter ligado à aparência do corpo.

Duas entrevistadas ainda relataram a “sexualização da profissão”, assim como é possível perceber no depoimento: “mulher sofre bastante com homem dando em cima direto, homem oferecendo para, na hora do serviço, em vez da mulher tatuar, ela sair com ele, uma coisa bem *punk*, assim” (Tatuadora 4). Isso pode acontecer, pois, segundo Thompson (2015), o fato de o trabalho com tatuagem não ser uma profissão totalmente regulamentada faz com que a discriminação sexual ocorra de forma mais explícita.

No que se refere às dificuldades, sete entrevistadas relataram “dificuldade na inserção”, pois existem obstáculos para entrada no mercado de tatuagem, como relatado pela Tatuadora 9: “só que é uma área um pouco difícil, nem todo mundo se prontifica a ensinar...”. Esse preconceito na

inserção no mercado de trabalho, conforme evidenciam Siqueira e Samparo (2017), pode ser visto não somente por tatuadoras, mas por todas as mulheres, e isto se configura como uma violência simbólica, reflexo da divisão sexual do trabalho.

Quanto às “dificuldades de vender o trabalho”, as tatuadoras ressaltam as dificuldades da instabilidade da profissão por ser “um mercado que oscila muito” e “um produto que não é uma necessidade” (Tatuadora 15). Essa dificuldade é evidenciada no empreendedorismo do setor de serviços. Duas das entrevistadas relataram uma dificuldade inicial no manuseio da máquina, por nervosismo e falta de prática.

Outra parte das experiências profissionais que correspondem à estigmatização seria o fato de ser um *outsider*, não pertencente ao grupo, em relação à “visão machista do trabalho”, que diz respeito aos estereótipos de gênero na profissão. A Tatuadora 15 afirmou que: “95% dos tatuadores são homens, é difícil as pessoas confiarem na mulher, entendeu? É bem difícil”. Já a Tatuadora 5 enfatizou: “mas a gente ainda sofre preconceito, ainda existe preconceito, um machismo em relação à tatuagem. Por exemplo, sempre que eu saio com meu marido, sempre perguntam se ele é o tatuador, e não eu”. Isso vai em direção ao que Slay e Smith (2011) afirmam, uma vez que a sociedade tende a ver as tatuadoras como pessoas de capacidades e potencialidades limitadas; contudo, diferentemente do que os autores mencionam, isso não pareceu ser um fator que as façam se sentirem limitadas de suas capacidades e possibilidades profissionais.

Ainda foram identificados 10 depoimentos em relação ao “assédio na profissão”, destacando a escolha do público feminino de se tatuar apenas com mulheres: “não, tem muito homem que tatua mulher, mas muita mulher [se] tatua com mulher, porque tem muito homem que é abusivo. Teve esse caso de Belo Horizonte...” (Tatuadora 1). Já a Tatuadora 5 mostra o assédio vindo das duas partes: “porque a

gente vive vendo casos de assédio, né? Tanto as tatuadoras sofriam assédio no estúdio quanto os tatuadores assediavam muito as clientes”. Nesse sentido, a Tatuadora 14 defende a regulamentação da profissão, inclusive por acreditar que faria diferença para a questão do assédio: “melhoraria, principalmente, para a gente. Lógico que médico é uma profissão regulamentada e têm médicos que abusam, isso nunca vai deixar de existir. Tem aquele tatuador que abusava das mulheres... Aquilo é horrível”. Esse fato vai ao encontro ao que preconiza Thompson (2015), pois o assédio é decorrente, muitas vezes, do ambiente hostil e masculino vinculado aos estúdios de tatuagem.

No que diz respeito à “marginalização por ser mulher”, a forma diferenciada como as mulheres são tratadas na profissão, a Tatuadora 13 se sentiu diferenciada ao ouvir a frase “mas você tatua aqui?”, semelhantemente, a Tatuadora 15 ouviu “é tu mesmo que vai tatuar?”, além de ressaltar que “clientes de porta”, expressão utilizada para clientes que chegam nos estúdios sem contato prévio, se mostram “mais tendenciosos a escolher o tatuador homem. Essas afirmativas confirmam que essas mulheres vivenciaram uma construção de identidade profissional sob a condição do estigma e que sofrem com as questões relacionadas ao fato de sentirem que, naquele ambiente de trabalho, não eram bem-vindas, e isso também foi evidenciado por Slay e Smith (2011). Ainda nessa perspectiva, Vough *et al.* (2012) consideram que clientes desvalorizam certos trabalhos somente pelo fato de ser uma profissional mulher.

Em relação à “descrença no trabalho por ser mulher”, a Tatuadora 2 relata que, em seu antigo estúdio: “alguns clientes, algumas pessoas que visitavam, não tinham o mesmo olhar que tinham com os meninos que trabalhavam comigo”, destacando a falta de valorização do trabalho da mulher em relação ao do homem. Ainda dentro do aspecto de *outsider*, foram encontrados 6 depoimentos referentes à “marginalização

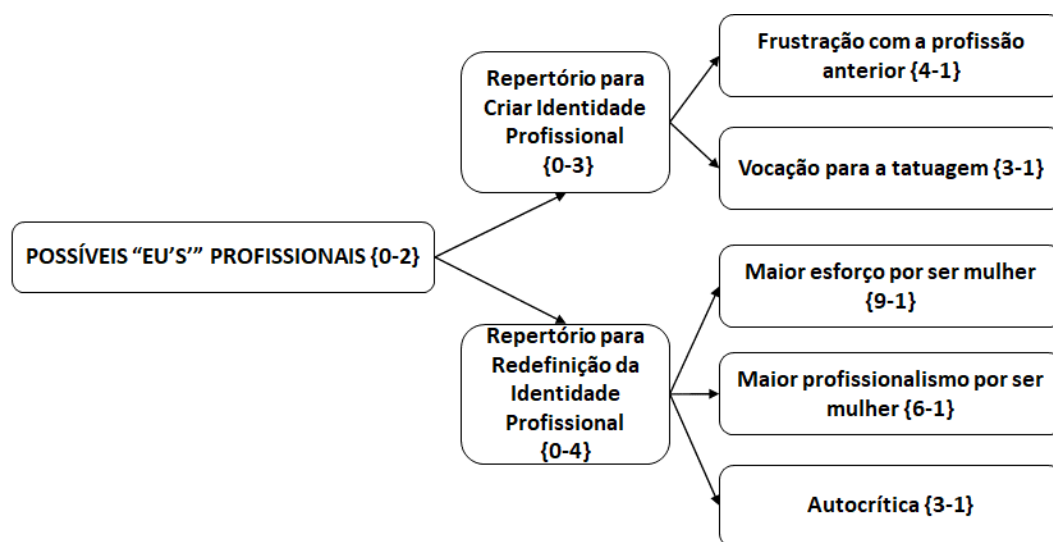
pelos familiares”, que muitas vezes não reconhecem a profissão, como relatado: “minha família não reconhece como uma profissão, eles ficam me enchendo o saco para fazer, por exemplo, estética, para fazer micropigmentação, porque ‘tem a ver’, só para eu ter uma formação...” (Tatuadora 4). Essa experiência vivenciada por essa tatuadora também é confirmada por Adams (2012), tendo vista que a indústria cosmética já passou pela transição de uma indústria de má reputação e desviante para

alcançar maior grau de aceitação e sucesso comercial.

As unidades “marginalização por ser mulher” e “descrença no trabalho por ser mulher” corroboram com o que foi enfatizado por Thompson (2015), pois nos estúdios de tatuagem existem dificuldades no combate à discriminação sexual.

Na Figura 5, observa-se a construção dos possíveis o repertório de “eu’s” profissionais das tatuadoras entrevistadas.

**Figura 5** – Possíveis “eu’s” profissionais



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir disso, buscou-se compreender o repertório para criar sua identidade profissional. A “frustração com a profissão anterior” tanto acontecia por falta de retorno financeiro, por falta de reconhecimento do trabalho, como pelo desgaste da profissão anterior. Além disso, três entrevistadas afirmaram que sentiam ter uma “vocação para a tatuagem”.

Como “repertório” para redefinição da identidade profissional”, a unidade mais expressiva na fala das tatuadoras foi o “maior esforço por ser mulher”. Essa unidade diz respeito ao fato de que, por conta da visão machista que se tem na profissão, é necessário que elas tenham que sempre provar a sua competência. Em seguida, vem a unidade “maior profissionalismo por ser mulher”, como

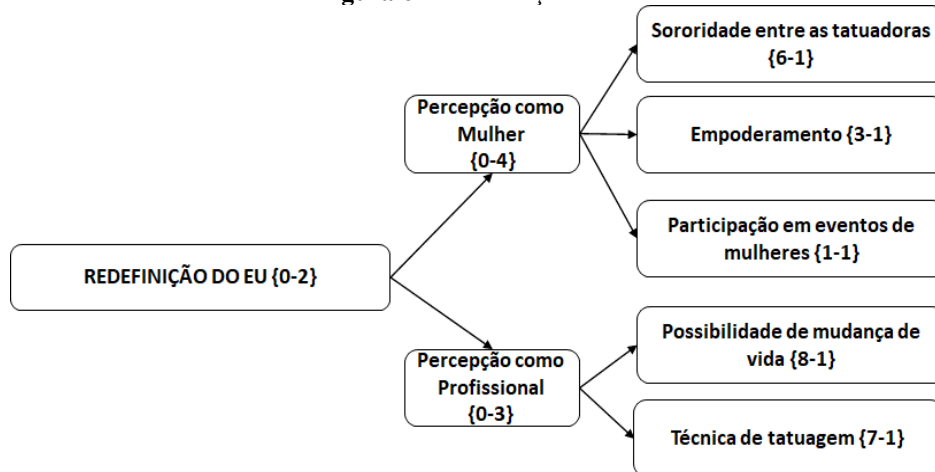
consequência da necessidade de comprovar que são tão capazes de realizar o trabalho quanto um homem. Ainda resultando da necessidade de provarem sua competência, vem a “autocrítica” atrelada a seus trabalhos, e tudo isso reforça a questão de gênero dentro das organizações e como elas estão presentes mesmo em trabalhos vistos como menos formais. A necessidade de uma maior esforço e profissionalismo das tatuadoras reafirma que até mesmo na indústria da tatuagem existe a divisão sexual do trabalho (CAPPELLE; MELO, 2010; SIQUEIRA; SAMPARO, 2017), em que a mulher tem que provar a sua capacidade de exercer o mesmo trabalho realizado por um homem.

## 5.2 A mulher como tatuadora

O modelo utilizado para esta pesquisa mostra que há uma redefinição e não um processo de adaptação na profissão (SLAY; SMITH, 2011). A tarefa da redefinição do “eu”, na identidade pessoal e de trabalho, discute a necessidade de modo que se deve atribuir um maior peso (SLAY; SMITH, 2011). Portanto, buscou-se

compreender o que é ser uma mulher que trabalha com tatuagem para as participantes do estudo, assim, redefinindo as suas percepções sobre como é ser estigmatizada. Nessa perspectiva, a divisão foi feita entre a “percepção como mulher” e “percepção como profissional”, conforme observa-se pela Figura 6.

Figura 6 – Redefinição do Eu



Fonte: Dados da pesquisa.

Primeiramente, para a “percepção como mulher”, destaca-se a “sororidade entre as tatuadoras” – sentimento de união entre mulheres, baseado na empatia – mencionada 6 vezes durante as entrevistas, como exemplificado pela Tatuadora 6, ao descrever que: “têm algumas mulheres tatuadoras e existe uma unidade, da gente se encontrar com certa regularidade pra discutir essas questões”. Essa empatia, provavelmente, pode ser vista entre mulheres pelas dificuldades que elas encontram na inserção no mercado de trabalho (CAPPELLE; MELO, 2010).

Para a Tatuadora 10, o “empoderamento” é uma importante forma de se estabelecer como tatuadora, pois foi um incentivador no início da sua profissão, conforme observa-se no trecho: “esses dias, eu estava até pensando sobre como é importante essa coisa que fala de representatividade, porque eu vi a mulher tatuando, e me despertou aquela coisa de ‘ah, eu posso também’” (Tatuadora 10). Esse depoimento corrobora com o que Toyoki e Brown (2013) afirmam, já que,

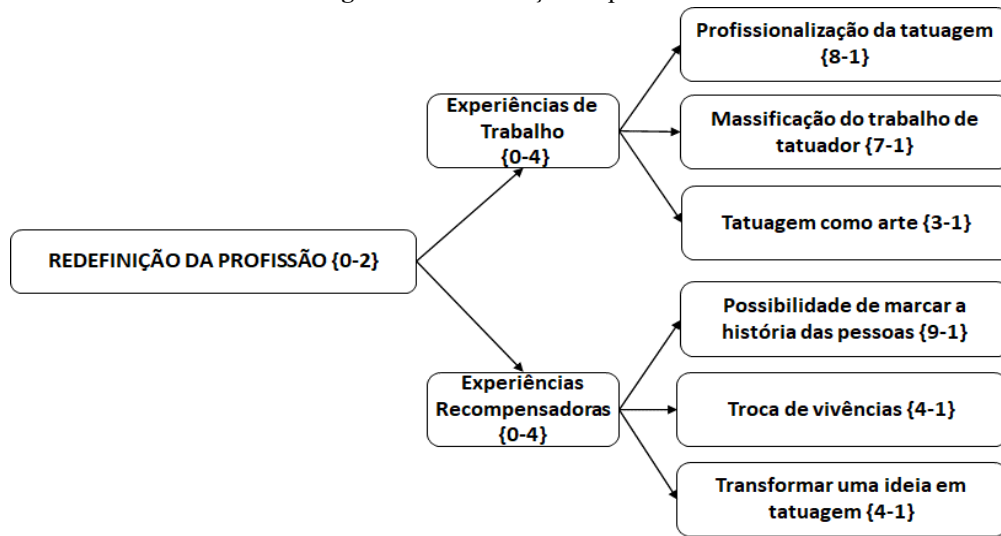
apesar de a tatuagem ser um diferenciador para grupos estigmatizados, eles cultivam percepções positivas de si mesmos, têm autoestima e táticas de gestão de si.

Por sua vez, a “percepção como profissional” engloba a “possibilidade de mudança de vida”, com 8 menções. E, ainda, a “técnica de tatuagem” apresenta 7 menções. A partir disso, é pertinente elucidar que há uma nova relação das tatuadoras consigo mesmo e com a profissão que elas escolheram. Essa relação da mulher com o seu trabalho tem sido vista em diversas pesquisas científicas, como a de Siqueira e Samparo (2017).

### 5.3 Significados da vivência na profissão tatuadora

Conforme abordado por Slay e Smith (2011), a redefinição da identidade profissional é crucial para os membros de grupos estigmatizados, com a influência do estigma e de ser o *outsider* na formação. Assim, dividiu-se entre “experiências de trabalho” e “experiências recompensadoras”, conforme vê-se pela Figura 7.

Figura 7 – Redefinição da profissão



Fonte: Dados da pesquisa.

Para “profissionalização da tatuagem”, a Tatuadora 12 relatou que: “é como qualquer outra profissão, você sempre tem que estar buscando entender do que você está fazendo, tentar buscar outros profissionais como você pra saber o que eles estão fazendo, da mesma maneira ou melhorar o que eles não estão fazendo”, e isso também entra em consonância com os achados de DeLuca e Rocha-de-Oliveira (2016).

Além disso, constataram-se 7 menções sobre a “massificação do trabalho de tatuador”, em que a Tatuadora 15 relatou: “eu fiz muito trabalho comercial, muito desenho da internet, até chegar num ponto de dizer ‘minha identidade artística é essa aqui’ e as pessoas me procurarem por conta dessa identidade”, exemplificando o processo de realização de tatuagens genéricas até o momento de escolha da sua própria identidade como tatuadora. Essa massificação pode ser vista desde a década de 1990, conforme evidenciaram Kluger (2015) e DeLuca e Rocha-de-Oliveira (2016).

A “tatuagem como arte” foi mencionada 3 vezes, principalmente em relação à arte personalizada e única, como explicitado pela Tatuadora 7: “...no ateliê, e a gente conversa, e a partir disso eu vou criar uma arte exclusiva pra você”. A ideia de se ter uma tatuagem única pode servir

como incentivo para as mulheres estarem se tatuando mais (KLUGER, 2015), já que com a possibilidade da escolha da arte, pode-se realizar tatuagem pequenas, delicadas e que são consideradas mais socialmente aceitáveis (DANN; CALLAGHAN, 2019).

Já para as “experiências recompensadoras”, a primeira é a “possibilidade de marcar a história das pessoas”, como por exemplo: “então, eu já conheci várias pessoas, mulheres, que vêm tatuar para homenagear pessoas e tem toda uma história atrás da tatuagem” (Tatuadora 12). Nesse sentido, tatuar-se, muitas vezes, configura-se como um ato de resistência para aqueles que se tatuam (DANN; CALLAGHAN, 2019).

Para “transformar uma ideia em tatuagem”, a Tatuadora 6 afirma sobre o processo criativo: “a coisa que me deixa à vontade pra tatuar é a sensibilidade de lidar com uma pessoa externa, ter disposição pra escutar a história dessa pessoa e tentar traduzir, tentar entrar na cabeça da pessoa pra tentar ver o que ela está vendo, tentar traduzir isso num desenho”. Assim, conforme DeLuca, Grisci e Lazzarotto (2018) reforçam, a tatuagem é uma marca corporal que pode ser vista como estratégia, reinventa-se como forma de reflexão, expressão e resistência.

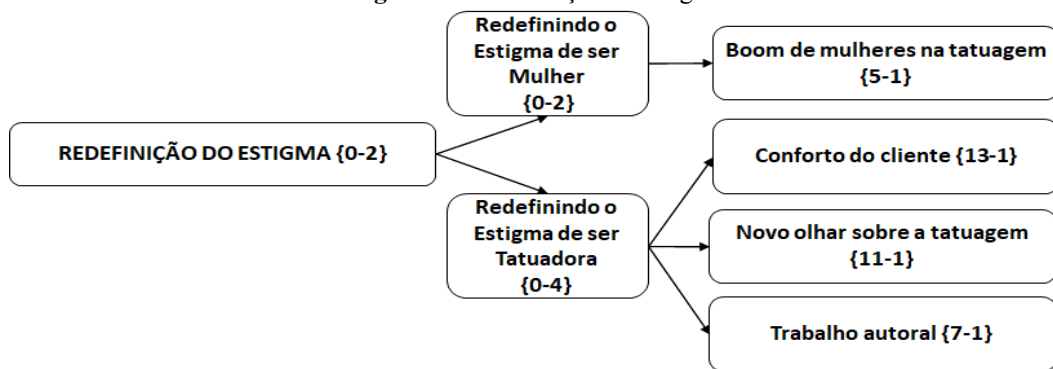


Por fim, foram encontradas 4 menções para “troca de vivências”, sendo considerada pela Tatuadora 10 “o melhor da nossa profissão”, e comparado a um “trabalho psicológico” (Tatuadora 14). Tudo isso confirma o apresentado por Simpson e Pullen (2018), pois tatuagem pode ser vista como representatividade de um desejo de autenticidade, ao mesmo tempo em que confirma o trabalho visto como criativo, rebelde e desafiador.

#### 5.4 Estigma da mulher tatuadora

Por fim, é na tarefa de redefinição do estigma que as conotações negativas são redefinidas. O estigma é visto de forma positiva pelo grupo e sua identidade cultural passa a ter uma perspectiva diferenciada e única (SLAY; SMITH, 2011). As tarefas de redefinição do estigma identificadas na pesquisa estão ilustradas na Figura 8.

Figura 8 – Redefinição do estigma



Fonte: Dados da pesquisa.

A primeira forma de redefinir o estigma analisado foi a identidade cultural estigmatizada de ser mulher. Como forma de resignificação, 5 tatuadoras mencionaram o maior volume de mulheres que passaram a trabalhar na profissão. O *Boom* da profissão já havia sido mencionado por DeLuca e Rocha-de-Oliveira (2016); todavia, nesta pesquisa, constatou-se que isso também ocorreu com as mulheres na ocupação.

Em relação à redefinição do estigma de ser tatuadora, a unidade mais mencionada pelas entrevistadas foi o “conforto do cliente”. Essa unidade representa, principalmente, o fato de clientes mulheres se sentirem mais à vontade para se tatuarem com outras mulheres, devido ao medo de assédio e por se sentirem mais confortáveis para expor suas ideias para tatuagens. Esse achado também foi destacado no estudo de Oliveira e Moura (2021).

O “novo olhar sobre a tatuagem” é relativo às pessoas passarem a ver a tatuagem como um adorno artístico que traz

empoderamento para aquele que a carrega, e não mais como algo marginal. Nesse contexto, relaciona-se diretamente com a percepção de realizar um “trabalho autoral”. A Tatuadora 14 acrescenta: “depois que a pessoa se tatua, muitas vezes muda muito a forma como ela mesma se vê. Questão de autoestima, às vezes a pessoa se acha mais fodona, digamos assim”. Isso corrobora com a ideia de Schlösser *et al.* (2020), já que as mulheres tatuadas se sentem melhores com as suas aparências.

É possível concluir que as tatuadoras passaram a ver um novo significado para si mesmas, como também para sua profissão. Isso reitera o que Ibarra (1999), Slay e Smith (2011) afirmam, tendo em vista que uma nova retórica resulta em um novo valor profissional na identidade estigmatizada, fazendo com que os indivíduos encontrem equilíbrio entre a identidade profissional e estigmatizada.

Diante do que foi abordado nos resultados desta pesquisa, apresenta-se a Tabela 2 com uma síntese dos principais achados, levando-se em conta o modelo de

Slay e Smith (2011), que considera as seguintes categorias de análise: influências iniciais, experiências profissionais, possíveis “eu’s” profissionais e as tarefas de

redefinição (redefinição do “eu”, redefinição da profissão e redefinição do estigma).

**Tabela 2 – Síntese dos principais resultados da pesquisa**

<b>Categoria de Análise</b>	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Principais Resultados</b>	
Influências iniciais	Família	Histórico de familiares com tatuagem e Influência de pessoas próximas facilitaram o acesso à profissão.	
	Valores culturais	O contato prévio com ilustração facilitou o desenvolvimento nas atividades; Marginalização da profissão como algo secundário.	
Experiência profissionais	Forma de inserção	O início na atividade como aprendiz; com aprendizagem por meio da pele de amigos e familiares.	
	Habilidades necessárias	Noções de biossegurança, noções de desenho e ética.	
	Dificuldades	Dificuldades de inserção; de vender o trabalho e; de manusear a máquina.	
	Vantagens do trabalho de tatuadora	Possibilitou viagens a trabalho; ter um trabalho flexível e uma rápida ascensão.	
	<i>Outsider</i>	Assédio na profissão, marginalização por ser mulher, a visão de gênero do trabalho e a marginalização pelos familiares.	
	Conotações negativas	Sexualização da profissão e de segregação por conta dos locais tatuados.	
Possíveis “eu’s” profissionais	Repertório para criar identidade profissional	Vocação para tatuagem e frustração com a profissão anterior.	
	Repertório para redefinição da identidade profissional	Autocrítica do trabalho realizado, um maior profissionalismo e esforço por ser mulher.	
Tarefas de redefinição	Redefinição do “eu”	Percepção como mulher	Empoderamento, participação em eventos feministas e um sentimento de sororidade entre as tatuadoras.
		Percepção como profissional	Técnica de tatuagem própria e possibilidade de mudança de vida.
	Redefinição da profissão	Experiências recompensadoras	Troca de vivências, possibilidade de transformar uma ideia em tatuagem, marcando assim a história das pessoas.
		Vivências no trabalho	Profissionalização da tatuagem, que ocasionou uma massificação da tatuagem ao mesmo tempo que passou a ser vista como arte.
	Redefinição do estigma	Redefinido o estigma de ser mulher	<i>Boom</i> de mulheres tatuadoras.
		Redefinindo o estigma de ser tatuadora	Trabalho autoral e clientes mulheres mais confortáveis ao tatuarem.

Fonte: Dados da pesquisa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar como o estigma de gênero interfere na construção da identidade profissional de tatuadoras, baseado no

modelo de Slay e Smith (2011). Diante disso, foi possível verificar que a ressignificação da identidade profissional de grupos estigmatizados, especificamente o da mulher como tatuadora, mostrando que o que antes era apenas uma atividade

marginalizada, passa a ter um novo sentido. O estudo trouxe ainda um olhar para a necessidade da profissionalização de atividades com tatuagem, mostrando uma segurança, não somente para os tatuadores, mas também para os clientes, que podem ter acesso a essas práticas institucionalizadas.

Em relação às experiências iniciais das tatuadoras, os achados deste estudo permitiram mostrar que a principal influência das tatuadoras para iniciar o trabalho foi o fato de elas terem um contato prévio com ilustração. Contudo, o maior problema encontrado se refere aos valores culturais que marginalizam a profissão. Essa visão existia devido à falta de uniformidade na prática da profissão, assim como da facilidade de inserção na profissão, uma vez que, segundo as entrevistadas, basta “comprar uma máquina” e começar a tatuar.

Para as experiências profissionais, evidenciou-se a importância da biossegurança, pois o trabalho é realizado com agulhas que podem apresentar riscos de contaminação. As tatuadoras também relataram a dificuldade de inserção na profissão. A sensação de se sentirem intrusas na profissão foi vista por meio da visão de que o trabalho de tatuador só seria bem-feito se desempenhado por um homem, o que pode acabar gerando assédio de alguns desses tatuadores em clientes e até mesmo nas próprias colegas de trabalho, resultando, muitas vezes, na marginalização dessas profissionais. Todo esse contexto provoca um maior esforço dessas profissionais, sobretudo pelo fato de serem mulheres.

O que fica mais evidente na redefinição do “eu” é a sororidade entre as entrevistadas e o sentimento de empoderamento que elas passaram a sentir após o início do trabalho como tatuadoras. Foi possível verificar o fato de que ser uma mulher que está tatuando pode proporcionar um maior conforto entre as clientes, além da possibilidade de marcar a história das pessoas por meio da transformação do que antes era apenas a ideia do cliente, que então

passa a ser uma tatuagem. A redefinição do estigma da profissão de tatuadora vem acontecendo por meio de um novo olhar sobre a tatuagem, que gradativamente tem trazido empoderamento para os que se envolvem com ela, pois a tatuagem tem passado a ser vista como forma de arte e não mais apenas com olhar marginalizado. Diante disso, foi constatado que, como consequência da ressignificação do estigma de ser mulher na tatuagem, ocorre um significativo aumento de mulheres tatuadoras.

Quanto à contribuição acadêmica, pode-se destacar que o estudo buscou ampliar discussões e trazer reflexões sobre a relação da mulher no contexto de ocupações criativas, uma vez que se observou um maior reconhecimento pelo trabalho desempenhado, com a possibilidade de realizar um trabalho autoral, deixando-as mais seguras e realizadas com a atual profissão. Como contribuição social, é possível evidenciar que a profissão de tatuador é uma forma de inserção para muitos ilustradores, que antes não tinham seus trabalhos valorizados; e então, passaram a ter uma ocupação profissional. De modo geral, esta pesquisa contribui trazendo um olhar para a necessidade da profissionalização das atividades com tatuagem, mostrando uma segurança, não somente para os tatuadores, mas também para os clientes, que podem ter acesso a práticas institucionalizadas.

Diante de algumas limitações que foram surgindo naturalmente no desenvolvimento da pesquisa, pode-se evidenciar que, apesar do aumento de mulheres na profissão de tatuador nos últimos anos, ainda houve dificuldade em encontrar mulheres nesta profissão que trabalhassem de forma profissionalizada, requisito necessário para que elas pudessem participar das entrevistas realizadas neste estudo.

A partir disso, sugere-se, para futuras pesquisas sobre o tema, que sejam conduzidas novas investigações sob a perspectiva masculina da profissão, de

forma a enriquecer a percepção acerca da identidade profissional entre tatuadores, bem como para comparar os resultados obtidos nesta pesquisa com os achados de outros estudos nesse campo do conhecimento científico. O principal foco para panoramas futuros é compreender, ainda mais, a construção da identidade de profissionais de tatuagem.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, J. Cleaning up the dirty work: Professionalization and the management of stigma in the cosmetic surgery and tattoo industries. **Deviant Behavior**, v. 33, n. 3, p. 149-167, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 2011.

BROWN, A. D. Identities and identity work in organizations. **International Journal of Management Reviews**, v. 17, n. 1, p. 20-40, 2015.

CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L. Mulheres policiais, relações de poder e de gênero na Polícia Militar de Minas Gerais. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, p. 71-99, 2010.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. Bookman, 2005.

DANN, C. CALLAGHAN, J. Meaning-making in women's tattooed bodies. **Social and Personality Psychology Compass**, v. 13, n. 3, p. e12438, 2019.

DELUCA, G.; GRISCI, C. L. I.; LAZZAROTTO, G. D. R. Trabalhar e tatuar-se: estratégia de inventar a vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018.

DELUCA, G.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. Inked careers: tattooing professional

paths. **BAR-Brazilian Administration Review**, v. 13, n. 4, 2017.

FARLEY, C. L.; HOOVER, C. V.; RADEMEYER, C. Women and Tattoos: Fashion, Meaning, and Implications for Health. **Journal of Midwifery & Women's Health**, v. 64, n. 2, p. 154-169, 2019.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.

IBARRA, H. Provisional selves: Experimenting with image and identity in professional adaptation. **Administrative Science Quarterly**, v. 44, n. 4, p. 764-791, 1999.

IBARRA, H.; BARBULESCU, R. Identity as narrative: Prevalence, effectiveness, and consequences of narrative identity work in macro work role transitions. **Academy of Management Review**, v. 35, n. 1, p. 135-154, 2010.

JACKSON, D. Developing pre-professional identity in undergraduates through work-integrated learning. **Higher Education**, v. 74, n. 5, p. 833-853, 2017.

KIRA, M.; BALKIN, D. B. Interactions between work and identities: Thriving, withering, or redefining the self? **Human Resource Management Review**, v. 24, n. 2, p. 131-143, 2014.

KLUGER, N. Tatoués, qui êtes-vous? Caractéristiques démographiques et comportementales des personnes tatouées. *In: DERMATOLOGIE ET DE VÉNÉRÉOLOGIE. Annales [...]*. Elsevier Masson, 2015. p. 410-420.

LANE, D. C. Tat's all folks: An analysis of tattoo literature. **Sociology Compass**, v. 8, n. 4, p. 398-410, 2014.

- LARSEN, G.; PATTERSON, M.; MARKHAM, L. A deviant art: Tattoo-related stigma in an era of commodification. **Psychology & Marketing**, v. 31, n. 8, p. 670-681, 2014.
- LINK, B. G.; PHELAN, J. C. Conceptualizing stigma. **Annual Review of Sociology**, v. 27, n. 1, p. 363-385, 2001.
- MAJOR, B.; O'BRIEN, L. T. The social psychology of stigma. **Annu. Rev. Psychol.**, v. 56, p. 393-421, 2005.
- OLIVEIRA, R. C. A.; MOURA, R. G. Profession: Female Tattoo Artist-Workers in an Eminently Male World (and Market). **Revista FSA**, v. 18, n. 6, 2021.
- PRATT, M. G.; ROCKMANN, K. W.; KAUFMANN, J. B. Constructing professional identity: The role of work and identity learning cycles in the customization of identity among medical residents. **Academy of Management Journal**, v. 49, n. 2, p. 235-262, 2006.
- ROSSI, F.; HUNGER, D. Identidade docente e formação continuada: um estudo à luz das teorias de Zygmunt Bauman e Claude Dubar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 101, n. 258, p. 313-336, 2020.
- ROSSIT, R. A. S.; FREITAS, M. A. D. O.; BATISTA, S. H. S. D. S.; BATISTA, N. A. Construção da identidade profissional na educação interprofissional em saúde: percepção de egressos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 1399-1410, 2018.
- SCHLÖSSER, A.; GIACOMOZZI, A. I.; CAMARGO, B. V.; SILVA, E. Z. P. D.; XAVIER, M. Tattooed and Non-Tattooed Women: Motivation, Social Practices and Risk Behavior. **Psico-USF**, v. 25, n. 1, p. 51-62, 2020.
- SIMPSON, R.; PULLEN, A. Cool Meanings: Tattoo Artists, Body Work and Organizational 'Bodyscape'. **Work, Employment and Society**, v. 32, n. 1, p. 169-185, 2018.
- SIQUEIRA, D. P.; SAMPARO, A. J. F. Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da discriminação de gênero à luta pela igualdade. **Revista Direito em Debate**, v. 26, n. 48, p. 287-325, 2017.
- SLAY, H. S.; SMITH, D. A. Professional identity construction: Using narrative to understand the negotiation of professional and stigmatized cultural identities. **Human Relations**, v. 64, n. 1, p. 85-107, 2011.
- SWAMI, V.; FURNHAM, A. Unattractive, promiscuous and heavy drinkers: Perceptions of women with tattoos. **Body Image**, v. 4, n. 4, p. 343-352, 2007.
- THOMPSON, B. Y. **Covered in ink: Tattoos, women and the politics of the body**. NYU Press, 2015.
- THOMPSON, B. Y. Women covered in ink: tattoo collecting as serious leisure. **International Journal of the Sociology of Leisure**, v. 2, n. 3, p. 285-299, 2019a.
- THOMPSON, B. Y. LA Ink: tattooing, gender, and the casual leisure of tattoo television. **International Journal of the Sociology of Leisure**, v. 2, n. 3, p. 301-316, 2019b.
- TOYOKI, S.; BROWN, A. D. Stigma, identity and power: Managing stigmatized identities through discourse. **Human Relations**, v. 67, n. 6, p. 715-737, 2014.
- VOUGH, H. C.; CARDADOR, M. T.; BEDNAR, J. S.; DANE, E.; PRATT, M. G. What clients don't get about my profession: A model of perceived role-based image discrepancies. **Academy of Management Journal**, v. 56, n. 4, p. 1050-1080, 2013.

WILLE, B.; DE FRUYT, F. Vocations as a source of identity: Reciprocal relations between Big Five personality traits and

RIASEC characteristics over 15 years. **Journal of Applied Psychology**, v. 99, n. 2, p. 262, 2014.

---

<sup>i</sup> Doutoranda em Administração e Controladoria pelo Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará -Brasil.

<sup>ii</sup> Mestranda em Administração e Controladoria pelo Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará.

<sup>iii</sup> Doutor em Administração e Controladoria pelo Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará.

<sup>iv</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará.